

o. Conspiradori -

01

- *Nome?!*

A artilharia, ao longe, parecia já noutro mundo. Ali, dentro do quartel, naquele antigo convento de grandes corredores e salas sem luz, pesava um profundo silêncio. Estava tudo deserto. Ouvia-se apenas a voz dum capitão, sentado atrás duma mesa, a interrogar rapidamente os presos que chegavam.

- *Nome?!*

- *Paulo Mascarenhas de Albuquerque.*

Soou o galope duma patrulha que passava na rua próxima. O capitão correu a vista sobre os montes de papéis, carteiras, bilhetes de identidade que estavam diante dele e, encontrando os que pertenciam a Paulo, voltou-se para o soldado que tinha revistado os presos:

- *Só isto?*

- *Só, meu capitão.*

- *Onde foi preso?*

- *Na Rua do Alecrim.*

- *Com armas?*

- *Não, meu capitão.*

- *Era suspeito?*

- *Sim, meu capitão. Vinha da Rua do Arsenal.*

Percorreu num relance todos os papéis que tinham sido encontrados ao preso e fitou-o:

- *Profissão?*

- *Jornalista.*

- *Aqui diz: estudante.*

- *O bilhete é de há cinco anos.*

- *E é jornalista?*

- *Como já disse.*

Sorriu-se. E bruscamente recomeçou:

- *Com quantos homens estava?*

- *Não estive com ninguém.*

- *Onde deixou as armas?*

- *Não andei armado.*

- *Porque vinha do Arsenal?*

- *Não vinha do Arsenal, vinha do Campo Santana.*

- *Do Arsenal!! - gritou o capitão, fazendo-se vermelho.*

- *Do Campo de Santana - repetiu Paulo, com serenidade. E o capitão, subitamente calmo, mudando de tática, tomou uma expressão de ironia:*

- *Desculpe estas perguntas ridículas ... Mas o seu silêncio pode prejudicá-lo.*

- *Não sei nada.*

- *Que andava a fazer num dia como este?*

- *Ia para casa. Não pude atravessar a Avenida.*

- *Que estive a fazer no Campo de Santana?*

- *Fui visitar uma senhora.*

- *E pôde passar ...*

- *Tinha ido para lá na noite em que começou a revolução.*

- *Hhuum ... perfeitamente. Há dois dias... Quem foi a amável senhora que o hospedou? Pode saber-se?*

- *Não é, talvez, necessário.*

Depois duma pequena pausa, o capitão continuou:

- *Onde mora?*

- *Na Rua do Salitre.*

Fez sinal a um dos soldados para se aproximar e falou-lhe em segredo. Pouco depois o militar regressou acompanhado por cinco homens que também tinham sido presos naquela madrugada. O capitão apontou Paulo e perguntou ao primeiro:

- *Conhece este senhor?*

- *Não.*

- *E você – perguntou ao segundo, ao terceiro, a todos.*

- *Tem a certeza de que estes homens foram detidos no mesmo local?*

- *Sim, meu capitão.*

- *Podem sair.*

Atrás de Paulo estavam várias pessoas em pé, encostadas à parede. Entre elas um estudante; os outros pareciam operários. De cada lado da fila, soldados armados de carabinas. Um dos militares mandou avançar o preso seguinte e o capitão continuou:

- *Nome?!*

Paulo atravessou a sala, vagarosamente, e saiu para um corredor escuro, de pedra, em abóbada, onde os passos ressoavam como numa cisterna. Caminhava silenciosamente ao lado do soldado. Ao fundo, o militar parou, abriu uma porta e fez-lhe sinal que entrasse. Era um pequeno quarto com uma janela gradeada, paredes sujas e húmidas. Dum lado, uma tarimba onde estava estendido um homem com um lenço ensanguentado em volta da cabeça; do outro lado, igual catre, no qual se sentavam três rapazes que ao verem entrar Paulo se puseram em pé, subitamente. E assim que o militar fechou a porta correram para ele com um grito abafado:

- *Então?! ...*

Paulo, muito calmo, respondeu-lhes:

- *O quê? - E viu que atrás da porta estava gravado na cal da parede:
VIVA A LIBERDADE !*

- *Onde estiveste? Onde são estes tiros?*

- *Não andei na revolução.*

- Não?! ...

Ficaram hesitantes a olhá-lo. E depois dum silêncio de desânimo:

- *Nem sabes nada? ...*

- Não.

- *Nem ouviste dizer nada? ...*

- Não.

- *Vens da China! ...*

- *Não desconfio de vocês... - e abaixando a voz -, mas o presos nunca têm nada que dizer uns aos outros ... De resto, não sei nada. Deixem-me deitar, que há duas noites que não durmo.*

E estendeu-se sobre a cama. Entravam pela janela gradeada os estrondos longínquos da artilharia liquidando o último grupo de loucos ou de heróis que resistiam há quatro dias nos arredores da cidade.

E como um eco dentro da cabeça repetiam-se-lhe as suas palavras secas: “Não... Não...”

No dia seguinte Paulo foi posto em liberdade, depois de ter ido outra vez ao gabinete do capitão, que lhe disse:

- *Devo preveni-lo de que, embora não se tenha provado nada contra si, de hoje em diante deverá ter mais cautela. Por agora deve a liberdade a um bom amigo; mas lembre-se de que podem surgir situações que ninguém possa ou queira remediar.*

A revolução tinha sido dominada. 200 mortos e 1400 feridos. Não passara de tentativa. O quartel estava agora cheio de soldados chegados da província, para ali amontoados pelos pátios e pelos corredores, encostados às paredes, como animais caçados, atónitos, emudecidos. Paulo saiu, seguido por um sargento, atravessou a parada do quartel num passo vagaroso, olhando para tudo com o seu olhar sereno e indiferente. A sentinela abriu-lhe o portão. A rua estava deserta. Pelas paredes das casas tinham colado editais com grandes palavras fortes. As letras pretas e gordas saltavam aos olhos agressivamente. Acendeu um cigarro.

CIDADÃOS!

A miserável rebelião dum bando de criminosos da mais baixa espécie, que durante estes dias enludou e ensanguentou as ruas da capital, teve o fim que merecia. Mas os cadáveres dos inocentes, dos Heróis que se sacrificaram pelo Dever Sagrado, pela Ordem e pela salvação da Pátria, o sangue desses pede Justiça. Ela será feita! Cidadãos, regressai a vossa vida normal, com a certeza de que a vossa paz não mais será perturbada.

Governo Militar

Continuou a descer a rua, a fumar. Tinha sido declarada a greve geral. Não circulavam automóveis nem elétricos e as lojas estavam fechadas. A cidade parecia abandonada. Por vezes, passavam raros transeuntes que o olhavam com desconfiança. Alguns estabelecimentos tinham as portas arrombadas, as montras estilhaçadas. Noutros, viam-se vestígios de incêndio. Duma igreja restavam as paredes fumegantes. Aqui tinha ardido uma casa até ao quinto andar, mais adiante, outra era um monte de pedras donde saía fumo, Banco Agrícola Industrial. Alguns populares paravam a olhar. Mas a polícia aproximava-se: «Sigam». Paulo ia para casa. Subiu a Avenida e foi olhando os destroços daquela revolução falhada. Como não havia jornais, tudo se dizia por edital: «Os operários ou empregados, tanto dos serviços públicos como particulares, que no prazo de vinte e quatro horas não compareçam ao trabalho serão considerados revolucionários e, como tal, julgado pelos tribunais militares especiais».

Seguiu. Estava um belo dia de sol. Mas em toda a Avenida, onde àquela hora costumavam passar centenas de automóveis e milhares de pessoas, agora viam-se só três ou quatro homens que paravam a ler os editais e alguns militares que carregavam para dentro dum camião os ramos das árvores que a metralha tinha cortado.

02

Um monte de casas sobre um penhasco de pedra negra. E o automóvel subiu a estrada em ziguezague, entrando pela porta aberta na muralha escura. Portas de Ródão. O primeiro arco dá para um pequeno recinto cercado de parapeitos e seteiras e o segundo é ao lado e enviesado, a atravancar a entrada. Os automóveis têm de parar para fazer uma manobra cautelosa. O guarda-lama bateu num cunhal, com estrondo de bomba. “Acordaste os moiros!” Mas o carro passou, meteu pela rua estreita, onde mal cabia, andou às voltas por aquele labirinto deserto, até que parou diante duma casa antiga, com dois cedros conventuais ao lado. Eduardo saiu, estendendo as pernas e os braços dormentes da viagem longa: “Irra! Mas cá estamos...” Deitou os olhos ao relógio de pulso. “São seis horas. Saímos de Lisboa depois da meia-noite, perto da uma. Gastámos cinco horas. Com estas estradas, foi andar bem...”

A casa de Eduardo tinha um corpo mais alto, à maneira de torre, e a parte principal da construção era de pequenas janelas quadradas e tectos baixos. Ainda restavam duas portas em ogiva medieval. Ao torreão ligava-se um muro alto que envolvia o jardim misterioso de onde apenas saíam os cedros com a copa larga, dobrada para o chão. Via-se por trás deles um terraço que espreitava por cima da muralha, lá para os abismos. Paulo olhava em volta. Um espaço sem casas; ao meio, penedos cinzentos aguçados para o céu; ao fundo uma igreja de modesto pórtico manuelino, com a torre tosca embutida na fachada. Para o outro lado: uma rua direita, ao cimo da qual se via outra torre de igreja e a porta do castelo rodeada de torreões e vigias; um triângulo de relva verde e a muralha a cercar o conjunto, desaparecendo por detrás dos telhados.

Eduardo tirou uma grande chave da bolsa do carro e abriu a porta do casarão desabitado. A fechadura rangeu e os gonzos ainda mais quando os fizeram rodar. Entrou na velha casa de seus avós, fazendo ressoar no chão de granito os passos, que ecoavam na abóbada do átrio. Paulo seguiu-o. Ia para fechar a porta da rua, mas Eduardo disse-lhe :

- Deixa ficar aberta, para a velha aí da frente ver que está cá gente. Ela é quem toma conta da casa; uma antiga criada que, quando venho aqui passar uns dias à caça, retoma as funções. Lembra-te que estamos em jejum.

Subiram a escada, Paulo, como um bom estratega, ia olhando aquelas portas e salas, e pensando o que elas valeriam como esconderijo e possibilidade de fuga. O dono da casa entrou num salão que tinha a mobília coberta com panos brancos e foi abrir uma janela.

- Esta sala lembra-me algumas horas saudosas.

Um piano, duas estantes com livros, duas mesas de jogo, vários sofás e muitas cadeiras por todos os cantos. Era um desses salões de casa nobre da província onde às noites se juntavam os amigos da família para jogar o solo e o xadrez. As meninas da casa tocavam piano e, se havia pares, talvez se dançasse até às dez horas, que não era casa de boémios.

- Quando acabei o liceu e cheguei aqui, a passar as férias, meus pais fizeram uma pequena reunião para celebrar a façanha. Estás a ver: o menino ia abrir o Código Civil... encontrei as pessoas do costume: o Dr. França, um médico pândego, de quem ainda hoje sou amigo; amanhã vamos visitá-lo; o Lourenção, com ares de boa pessoa, bonacheirão e no fundo um malandro; o padre Pombo, reverente e a dizer às senhoras que «se V. Ex^a. se incomoda, apago já», mas sempre a engasgar toda a gente com o fumo dum tabaco espanhol que cheirava a mostarda. Estou a vê-los a todos... Minhas tias aqui, com minha mãe. Meu pai aquele canto, com os parceiros do solo, indiferente à outra gente. Pois nessa noite apareceu cá uma rapariguinha que me complicou a vida...

Paulo caminhou até à janela e olhou para fora com atenção de explorador: era um salto pequeno e um muro também fácil de transpor, pondo pé num daqueles canteiros altos. Eduardo continuava a divagar e Paulo, sentou-se num sofá, acendendo um cigarro.

- Era uma inglesinha, filha dum amigo de meu pai, o velho Dukes, engenheiro do caminho de ferro, que casou com uma senhora daqui perto. Viviam numa quinta para os lados de Castelo de Vide. A menina tinha estado num colégio em Inglaterra e vinha sábia ...

- Dá licença?

- Suba, senhora Luísa. É a velhota, a criada.

E saiu do salão para ir ao encontro da mulher, que devia querer muitas explicações. Paulo ouvia-os falar e aproximarem-se. Até que Eduardo assomou à porta e atrás dele a serventuária, arrastando as alparcatas.

- Amigo Paulo, aqui está a senhora Luísa.

E a velha, abaixando a cabeça três vezes a seguir, perguntou:

- Como está V. Ex^ã? Passou bem?

- Bem, obrigado.

Seguiu-se uma pausa para a mulher retomar o discurso:

- Ora V. Ex^ã! ...Quem havia de dizer que ainda cá voltava este ano... ia tão zangado, por haver poucas perdizes, que julguei que nunca mais cá vinha; afinal ainda não há três meses.

- Agora venho só passar quatro ou cinco dias para descansar. E este meu amigo também precisa de mudar de ares...

- Sim senhores, sim senhores.

- Pois, senhora Luísa, o que nós queríamos era um cafezinho bem quente e pão com manteiga.

- Sim, senhor. Vou só abrir as janelas dos quartos, que cheiram a pó. Com licença.

- Olhe, o meu quarto, é claro, é o do costume e para o meu amigo pode ser o do terraço.

E lá foi a bater as alparcatas pelo corredor adiante.

- É de pura raça de contrabandistas. Se for preciso ainda vai a Valência a pé, levando para lá meia dúzia de galinhas e trazendo para cá uma saca de medianas. São duma resistência de lobos e duma manha de raposas. A família desta velha é toda de contrabandistas, os mais finos e matreiros desta fronteira. Ninguém os apanha. Os outros, meia volta, estão na cadeia ou em fugas atrapalhadas largam a carga. Eles não. Têm um faro que vai longe. Adivinham. – Paulo sentou-se num sofá ao pé da janela e fumava sem ouvir. - É com um deles que conto para te guiar. E podes ir descansado. Não te aparece ninguém no caminho até Valência. Mas voltando à tal inglesinha: eu era um pobre patego do liceu de Portalegre; fiquei desnorteado. Não era talvez muito bonita, mas tinha um encanto que me embasbacava. Toda aquela noite andei em volta dela, aparvalhado. Em resumo: alguns dias depois já eu ia de noite esconder-me entre as camélias lá da quinta, para lhe falar. Saía a cavalo, dizendo que ia para casa dos meus primos jogar o bluff, entrava e saía só para minha tia me ver, e galopava às cegas, de noite, por montes e valeiros. Deixava o cavalo longe, num pinhal, e avançava através da quinta, com cautelas de ladrão. Ela, por fim, esperava-me já ao pé dum tanque que havia antes da casa. Até que uma noite muito escura, quando ia a atravessar um trigal, à entrada da quinta, ainda a uns quinhentos metros da residência, pareceu-me ouvir passos e ramos a quebrar. Parei e escondi-me. Não se via um palmo adiante do nariz. Eu tinha uma pistola no bolso, porque me constavam certas coisas. O Dukes tinha sido negreiro ... não sei se compreendes. De repente ouvi vozes perto de mim, a uns cinco ou seis passos. Eu estava encostado a um castanheiro e deixei-me ficar imóvel. Nem respirava. Eram dois tipos pelo menos. Ouvi-os segredar: «Tenho a certeza! - Não era. Onde é que ele se metia? - Vamos ver se lá está o cavalo». Não havia dúvida que era comigo. Começaram a afastar-se. Ainda percebi umas palavras soltas que me revelaram as intenções daquele passeio nocturno!...

- Quem quiser comprar!... boa sardinha fresca! A quinze tostões!... cada um o quarteirão!... Olhem que é boa!... Vão à casa!... do Sr. André!... da Sabina!...

Ouviu-se este pregão em voz forte, lenta e gritada debaixo da janela. Paulo olhou para Eduardo sem ter compreendido bem o que dizia aquele homem, lá fora.

- Que diabo é isto?

- É um velhote que se encarrega de lançar pregões pelas ruas; é a página de anúncios cá da terra ... Se alguém tiver perdido uma chave, ele daqui a bocado percorre a vila toda e, parando a cada esquina, grita: «Quem tiver encontrado!...uma chave!...», etc.

Ouviam-se as alparcatas da senhora Luísa pelo corredor abaixo e ei-la que asso-mava à porta do salão:

- *Vou então arranjar o cafezinho.*

- *Sim, já sabe o costume.*

- *Sim, senhor; sim, senhor.*

E a velha recuou, respeitosamente, com um cesto na mão.

- *Mas de que é que nós estávamos a falar?*

Paulo estendeu o beíço de baixo e encolheu os ombros, atirando o resto do cigarro pela janela. Eduardo franziu a testa, querendo recordar-se.

- *Ahl ...Quando eles foram ver se lá estava o cavalo...*

04

A muralha protege a povoação em toda a volta, para não deixar sair nem entrar nada. Não deixar entrar a civilização nem sair o ar estranho e primitivo do velho burgo. As ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares, emaranham-se todas umas nas outras, em esquinas e ângulos imprevistos. Há casas verdadeiramente incrustadas no monte: à frente têm três andares e atrás o telhado toca no chão. É um labirinto de escadinhas toscas e vielas íngremes. As habitações, muito caiadas, com buracos que são janelas e com portas medievais em ogiva, roídas dos séculos, estão umas a cavalo nas outras, no alto do monte, a olhar para Espanha. Torres, arcos, portas, contrafortes e trincheiras, num conjunto de feroz estratégia, cercam o casario ingénuo que paira sobre a paisagem imensa. Lá para baixo contempla-se o mundo em mapa de relevo a belas cores: montes, rios, planícies, aldeias brancas, estradas, florestas. E as águias, vêm-se pelas costas, pairando em volta do despenhadeiro. Águias, corvos negros e luzidios, que têm ninhos nos buracos das pedras, milhafres, andorinhas, pardais, uma infinita fauna alada, vivendo e morrendo nas abas do grande penhasco. Lá em baixo os montes pretos com ribeiros luminosos como fios de vidro. Ao lado: vales verdes, dum verde vivo, fresco. Preto e verde. Por vezes as nuvens passam rápidas e encostadas aos telhados. Mas de repente abrem-se e vê-se que por cima estão outras com uma luz deslumbrante. É frequente descerem à terra, ficar cá em cima o castelo cheio de sol no céu azul e, em volta, lá por baixo um mar de nuvens, branco, parado. Então, sopra um vento que, rugindo pela muralha acima, as atira com violência para o céu, em jacto contínuo, como vapor duma caldeira. Mesmo nos dias sem bulir de aragem, atira-se um chapéu para fora da muralha e ele volta para trás.

05

Estavam há três dias em Marvão. Iam passear na Parada, que tem trinta metros de comprimento por trinta de largura, ou para os cem metros de estrada plana que há à saída das portas da vila. Encostavam-se à muralha e olhavam o fundo do abismo ou, ao longe, a paisagem sem fim. Vagabundeavam pelas ruas desertas e no largo da Igreja do Espírito Santo lá encontravam sempre os três velhos sentados num socalco de pedra, ao lado do templo arruinado. Eram reformados do exército, que já tinham contado uns aos outros, centenas de vezes as suas façanhas de África e agora viviam calados, concentrados nesse passado que se tinha tornado maravilhoso como um sonho.

Era raro ver-se alguém nas ruas. E quase todas as casas estavam desabitadas. Nas janelas, onde o sol punha reflexos de fogo, o vento que entrava pelos tectos rotos fazia oscilar as negras cortinas de teias de aranha. Tinham um ar misterioso e trágico. Havia ruas inteiras onde não morava ninguém. Noutras, havia duas ou três casas habitadas e, no resto, há cem anos que não entrava gente. Em algumas daquelas casas abandonadas instalaram-se pedintes, velhos ou velhas, como fantasmas, que andam dias e dias por fora, a correr as aldeias, mas que regressam sempre aos seus palácios encantados. Por entre as pedras toscas das calçadas rebenta uma ervazinha rasteira, cheia de flores. E só ao meio das ruas fica um carreiro rapado pelo passar dos cães, que são às dezenas, sem dono, esqueléticos, com um olhar triste e amigo. Durante todo o dia correm as ruelas, farejando nos cantos onde se amontoa lixo. Humildes e medrosos, são os raros seres vivos que vagueiam pelas ruas e pelos largos abandonados. Além deles só as galinhas, que esgravatam, se espolinham onde bate o sol e dão saltos para alcançarem as ervas que crescem nos muros velhos e verdes. Há também os burros que vão sozinhos à fonte beber água. As pessoas que aqui vivem só saem para ir a casa dum vizinho fazer ou dizer qualquer coisa e regressam logo aos buracos. As mulheres juntam-se nos recantos soalheiros e passam ali o dia, a costurar e a falar da vida dos outros. Os homens metem-se nas tabernas a jogar o finto: três cápsulas de bala de carabina em cima dum banco e eles no fundo da tasca a atirarem-lhes vinténs, com um certo jeito que faz ricochete. Estes são a arraia-miúda. Os outros cinco ou seis, reúnem-se na Sociedade Filantrópica e Recreativa, a jogar o burro. Por vezes ouvem-se uns urros medonhos e aparece uma espécie de chimpanzé aos saltos pela rua adiante. Range os dentes de tal maneira que se ouve ao longe. Tem as pernas em arco e a cabeça enorme, inclinada para o lado, abana sem descanso a dizer que não. É o Jana, com um esfarrapado casaco de guarda-fiscal, cujas mangas só chegam para metade dos braços, a exclamar: “Àmulamulamula!! ...” O queixo pesa-lhe tanto que lhe traz a boca sempre aberta. Pára, olha para nós e ri, alvar e inofensivo. Mas não é só este. Há mais dois loucos. O senhor Luís Pinto, de 80 anos, direito, forte e corado, bem vestido e calmo, com o seu grande chapéu de sol, sempre aberto. Foi secretário da Câmara e pessoa considerada. A pouco e pouco veio-lhe a mania de que era filho de Mouzinho da Silveira, o ministro que tem uma lápida de homem célebre, ali na Câmara Municipal. E vem falar-nos do Papá, perdendo então a

calma, discursando, berrando, chorando. Quando apanha aberta a porta do antigo tribunal, vai para ao pé da alta cátedra do juiz (que tem a tal placa comemorativa da passagem de Mouzinho) e faz uma cena impressionante. Certa vez foi a casa buscar as obras do Papá e encheu o cadeirão de livros: "São desta cadeira." O Jana despreza-o e, quando o vê, tem um sorriso de troça. O outro é o Manuel Maluco, que tem de estar preso, porque ao darem-lhe os ataques despe-se na rua, vai arrombar portas e esconder-se nos caminhos dos arredores para assaltar as mulheres. Lá está às grades da cadeia, todo nu e a cantar. Há dois meses. E todas as noites canta, canta até de manhã. Tem andado a fazer um buraco na parede, que já tem dois metros de fundura. As pedras são todas atiradas cá para fora, para o Largo da Câmara. Partiu as vidraças fronteiras. Ataram-lhe os pulsos com uma corda, mas tanto gritou que lha foram tirar. Já tinha as mãos pretas. Se não morrer ali, há-de ir para um manicómio, quando houver vaga, porque dizem que tem cura. Esta é a segunda vez e da primeira ficou bom. Andou cinco ou seis anos bom. Agora com a falta de trabalho passou fome e deu-lhe outro ataque. Rasgou-se. Ficou nu. Dum cobertor fez uma longa fita, e enrolou-a por uma perna acima, até ao pescoço. Chegou ao Largo do Pelourinho e começou a desenrolar a faixa. E quando a Guarda Republicana acudiu já não foram capazes de o agarrar. Foi emboscar-se nos caminhos para assaltar as mulheres. Este é o terceiro dos exemplares de aparência mais estranha. O resto é gente como a das outras partes do mundo. Os quatro ou cinco funcionários passam às onze horas para a repartição, indo atrás deles a criada com a braseira acesa, se é no Inverno, e regressam às cinco, indo atrás deles a criada com a braseira apagada. O médico, de grandes barbas brancas, sai, de manhã, a cavalo na mula, desce a encosta e vai dar a volta ao concelho, regressando só à noite, exausto mas pronto a voltar onde for preciso, protector dos pobres, incansável e desinteressado como um apóstolo. Os únicos que passeiam são os seis soldados da Guarda Republicana que estão lá em cima, num velho palácio que tem na frontaria um enorme brasão em pedra branca e fundo de cal azul. Esses andam para cá e para lá, no pequeno largo em frente do quartel, jogam a malha e sentam-se a dormir ao sol. Paulo conversava com eles demoradamente, colhendo informações que lhe seriam talvez úteis algum dia.

Porém, Eduardo impacientava-se com tudo. Não podia mais. O amigo teimava:

- Mas que estás tu a fazer aqui? Volta para Lisboa e fica descansado. O homem chama-se Bugalhão? Pois logo que saia da cadeia me entenderei com ele. Não podes demorar-te mais aqui. Dizes a esta gente que voltas para a semana: assim já é natural que eu fique.

E os dois amigos passeavam a par e a passo certo, debaixo das três árvores da parada, o chão liso e mole, era fofo da terra humosa das folhas podres. Eduardo caminhava em silêncio, de cabeça baixa, olhando para o chão. E Paulo, com a sua voz serena, dizendo só as palavras necessárias, raciocinava friamente. Com trinta anos, enérgico de espírito e de corpo, era o verdadeiro homem de acção, a que as várias revoluções nas ruas de Lisboa tinham desenvolvido aptidões invulgares. Passar uma fronteira era coisa que o preocupava pouco.

- *Vais hoje?*

- *Vou.*

O pôr-do-sol transformava a paisagem infinita que ali tinha estendida aos pés. Caía até aos confins do mundo uma paz grandiosa, envolvendo tudo num silêncio religioso. Calaram-se e ficaram a olhar o horizonte desfeito em vermelho e roxo e azul. Da torre começavam a cair, espaçadas e tristes, as badaladas das Ave-Marias, de som lúgubre e acabado. Ficou outra vez a mesma paz e silêncio sobre o mundo. Deram mais alguns passos e envolveu-os a repentina noite das serras.

06

Três dias depois o Bugalhão saiu da cadeia, mas ninguém o viu aparecer na vila. A mulher, rodeada de seis filhos pequenos, negros e de olhar vivíssimo, dizia: «O meu homem? Há-de andar por aí...» Só se sabe de um contrabandista quando está na cadeia. Paulo já tinha várias vezes ido perguntar por ele a pretexto de querer que lhe trouxesse água-de-colónia. Toda a gente sabia que tinha vindo para ali descansar uns dias e que o senhor Eduardo voltaria em breve. A não ser que os afazeres não lhe dessem mais folga. E então também ele não se demoraria por aqui muito mais tempo e regressaria a Lisboa. Entretanto ficava e gostava. Todos diziam: “Sim, isto não terá mais nada, mas é um ponto de vista muito bonito e tem boas águas e bons ares. São novecentos metros de altitude!... O senhor até já está mais corado. Isto faz bem! ...”

Todas as manhãs e todas as tardes Paulo ia para o castelo ler. Pisando os magníficos tapetes de relva verde, procurava uma sombra e, sentando-se sobre qualquer velha pedra caída, ali ficava horas sem fim.

Numa dessas manhãs, voltando para casa, viu aberta a porta da Igreja de Santa Maria e entrou. Estava deserta. Mais uma vez ia ver se alguma coisa por ali estaria ainda esquecida do pilhar dos bárbaros. Mas ao dar os primeiros passos no barulhento sobrado de tábuas velhas e soltas reparou que estava alguém ajoelhado na capela lateral. Era uma mulher, dobrada e imóvel, com um véu preto pela cabeça. Para não fazer mais barulho, Paulo sentou-se num banco e esperou. Olhava o São Jorge pisando um diabo horrendo, reparava numa imagem antiga, de São Pedro, com as chaves doiradas, quando a devota se levantou. Era alta e elegante, bonita, de grandes olhos luminosos. Saiu também. Viu-a descer a rua íngreme e desaparecer em baixo, no emaranhado do casario branco. Admirou-se da atitude perplexa em que ficara a olhá-la. A surpresa do encontro, a ideia de que ia partir talvez no dia seguinte? Na verdade, já devia estar em Espanha ... E com raciocínios prudentes procurava arrefecer as ideias aventurosas. Caminhando com passo rápido, chegou a casa e subiu a escada, saltando os degraus a dois e dois.

O entusiasmo atraía-o. Mas ao mesmo tempo reflectia na leviandade. Mal lhe tinha visto a cara! E Marvão não é Paris. Os amores têm um programa simples e um andamento difícil. Porém, aquela mulher também não devia ser de Marvão... E foi para a sala de jantar, sentou-se ao fundo da longa mesa e deu uma forte pancada no gongo de latão, que soou como um sino. A velha Luísa apareceu logo, apressada, com uma terrina a fumegar.

- Ora, sra. Luísa, diga-me lá: quem são as meninas casadoiras cá da terra?

- Ah! Isso há por aí algumas, sim, senhor Doutor. Temos ...

- Quem é uma: alta, vestida de preto, com seus ares de princesa?

- Alta?... vestida de preto? ... Ah! Só se for a Ricardinha, filha do senhor Vilar. Mas não são de cá. A menina herdou dum tio, e o tal Vilar veio para aí há coisa de um ano. Até dizem que veio fugido. Hum ... É gente esquisita ... Ninguém gosta deles. Tanto o pai como a filha têm lá as suas manias e um modo de viver que não quadra com o da gente cá do sítio. O senhor Doutor Médico é quem os conhece melhor e diz que são boas pessoas. Eu cá não sei. Passam por alguém e é só: "Bom dia, boa tarde." Nem mais palavra. Da vida deles ninguém sabe nada. E por isso cada qual se bota à fantasia. Mas o senhor Doutor viu-a? Na igreja ... Ah!, logo vi. Que ela não sai de casa senão para ir à igreja. Grandes pecados há-de ter para tanto ajoelhar. Que eu sou muito cumpridora, mas com medida, que aquilo é por demais... E como aqui não há padre - porque não sei se o senhor Doutor sabia: aqui não há padre, só aos domingos é que cá vem o padre João, de Santo António das Areias -, mas o que é que eu ia a dizer, que até se me varre o juízo com estas coisas... Ah!... que como não há padre, ela tomou conta da igreja. O sacristão deixa-lhe a porta aberta e a menina Ricardinha e os cães vadios, quando lhes dá o calor, é lá que se metem. ... Ora valha-nos Deus! E o que aquela alma recebe do correio todos os dias? Se o senhor visse! Mas vá, vá um dia lá ao correio e veja. São livros e mais livros e jornalada numas línguas que não é falar de cristãos. Que não sou eu só que o digo. É quem sabe... Olhe, o senhor Padre Dias, o Sr. Gomes da Câmara, e mais ... Ninguém entende para que é aquilo. Só para mal. O senhor bem compreende melhor disto do que eu ...

E ficou calada, um pouco confusa, julgando ter ido além do que devia no seu ataque àqueles mistérios insondáveis. Paulo ouvia-a em silêncio, mas com uma curiosidade cada vez maior. A velha, contudo, ao vê-lo com ar de quase desatento, julgou que estaria descontente com o arrazoado. Então, vendo que ela se calara e estava um tanto embaraçada, deu-lhe alento para mais.

- Pois estou aqui há uma semana e ainda não sabia nada disso.

- Não tinha calhado falar-se.

- E então que mais é que sabe?

- Ora, sei lá ... Saber não se sabe nada. Se o senhor acreditar que eu nem nunca lhe vi bem a palmeta da cara... Dizem que é bonita. Sei lá! Será ... Há festas, não vai às festas. Há tourada em Santo António, não vai. Há as grandes festas de Portalegre, não vai. É como se não houvesse mundo. Até me lembra que sejam malucos... Cruzes! ...

E persignando-se para afastar o Diabo que devia ter-se aproximado ao cheiro do dislate, agarrou no prato vazio e foi lá dentro buscar o resto.

07

Os primeiros três dias de paragem forçada às ordens do amigo tinham-lhe modificado os planos. Aliás já trazia essa vaga tenção: não sair de Portugal. Talvez a polícia não tivesse chegado a descobrir nada a seu respeito. Estaria aqui mais um tempo até o esquecerem, deixaria crescer a barba e o bigode e regressaria à capital, onde os companheiros precisavam dele. Isto dependeria, contudo, do andar dos acontecimentos. Saboreava a paz da vilória morta, onde não chegavam bulícios do mundo, onde não havia jornais nem notícias de nada. Este castelo e esta gente não existem para o resto do mundo nem o resto do mundo para eles. Às poucas pessoas com quem tinha falado e que, admiradas, lhe perguntavam se não se aborrecia assim sozinho, dava uma explicação: estava a escrever um livro e precisava de sossego. Todos ficavam a olhá-lo respeitosos e lisonjeados por ele ter escolhido esta terra para vir escrever um livro. E passeava com um romance debaixo do braço, um maço de folhas de papel branco entre as páginas e uma caneta no bolso.

Até que um dia, aproximava-se do castelo, como era já seu hábito, quando viu que a porta da igreja estava aberta. Sem alterar o passo dirigiu-se para lá. Se Maria Ricarda aí estivesse, falar-lhe-ia sob qualquer pretexto. Entrou, com as tábuas do sobrado a gíngarem-lhe debaixo dos pés. Lá estava no mesmo sítio. Parou a meditar um plano de acção. E foi sentar-se no mesmo banco em que estivera da primeira vez. Mas este cambaleou e ia-se virando. Reconhecendo a inspiração da divina Providência, encostou-lhe a mão prudente e tombou-o. Foi um estrondo medonho que ecoou pelas abóbadas sagradas. Decorreram poucos minutos até que a jovem se ergueu e olhou em volta, compondo o véu. Dirigia-se à porta, quando Paulo lhe cortou o passo:

- Perdoe-me ter interrompido as suas orações duma maneira tão desastrada...

Ela parou, e com a cara meio oculta pelo véu, respondeu com uma voz sorridente.

- Não foi por mal...

E desviando-se, num passo rápido saiu da igreja, sem lhe dar tempo de acrescentar uma palavra mais.

08

O longo isolamento é tão enérgico para o espírito que só os fortes o podem aguentar com bons resultados. Dos profetas aos anacoretas, a prática deu grandes provas.

Paulo só conhecia as solidões modernas: o quarto de aluguer e a multidão das cidades no meio da qual se anda tão só que nos sentimos longe de nós próprios. Mas essa não é a verdadeira solidão. A verdadeira é no alto duma montanha. Porque é indispensável a continuidade que aumenta a tensão até ao limite da resistência. E aí é que começa a claridade. Paulo principiava agora a olhar a vida e as ideias sob uma luz nova. Estes dez dias de distância do mundo, metido ao canto dum casarão soturno, sentado sobre as ruínas musgosas dum castelo, ou a vaguear por aquelas ruas desertas, tinham-lhe puxado pelos nervos e pelo espírito até onde devia ser. Não era S. Paulo na estrada de Damasco, mas o fenómeno parecia-se, guardando a devida proporção. De repente viu. E, depois de ver, compreendeu. Tinha chegado ao ponto em que se vão tomar decisões que pesam para toda a vida. Era a conversão a outra mística. Deixaria os seus companheiros de luta, a não ser que eles seguissem a mesma estrela, deixaria os amigos, tudo! Era o destino do mundo e o dele. Entre as suas ideias e os seus actos tinha existido sempre uma ligação directa. Se há inimigos, mais uma razão de urgência para saltarmos ao combate. Sem quixotismos, isso sim. Só quando haja algumas probabilidades de vencer e não todas as de ser vencido, que é uma variante da traição.

E com estas e outras meditações Paulo vagabundeava pelas ruínas do castelo, pisando o belo tapete de relva, entre os restos das muralhas e torres aveludadas de verde musgo. Alongando o passeio, subiu a escada arruinada que trepava a um bastião. Ao chegar lá acima, ia alargar a vista à paisagem quando viu brilhar, em baixo, um vestido azul, à sombra duma árvore, entre dois panos de muralha. Um discreto esconderijo, que à entrada do castelo ninguém se detinha a explorar à esquerda e à direita, passando os arcos e portais, com mira na torre de menagem, donde se estende a vista por serras lusitanas e campinas de Espanha. E os cantinhos românticos e melancólicos mantinham-se virgens dos passos do raro turista e ainda mais dos do indígena.

Era ela. Deitada sobre a relva, lia um livro. Ao lado estavam duas revistas e um jornal. O vestido azul moldava-lhe o corpo e o vento balouçava-lhe os anéis do cabelo doirado. Ficou do alto a admirá-la, como um Júpiter planeando o seu rapto de Europa. Por fim regressou pela mesma escada de pedra desmantelada e, fingindo um vagabundear descuidado, encaminhou-se para o refúgio de Maria Ricarda. No labirinto de arcos, portas, contrafortes, torres e passadiços, parecia que para ali não havia passagem. Já do cimo da torre Paulo o notara com estranheza: não se via o caminho. Era sobre a cisterna que os respiradouros assinalavam. Reparou numa estreita brecha. Tinha de se passar de lado, pois não dava largura para os ombros. Fazendo de conta que não a tinha visto e olhando

para outro lado, desceu os três degraus de acesso ao terraço e foi caminhando. Até que simulou a surpresa e estacou:

- *Perdão.*

Ela ergueu os olhos do livro, e Paulo continuou:

- *É a segunda vez que a interrompo... Começo a considerar-me um importuno...*

- *Não... por tão pouco...*

E baixou os olhos para continuar a leitura.

- *Aproveito este momento para lhe dar mais uma explicação sobre o incidente de há dias na igreja.*

Parou de ler e, encostando a cabeça ao musgo das pedras, olhou-o com ironia. Paulo respondeu ao desafio:

- *O banco que caiu, perturbando as suas orações, fui eu que o deitei abaixo propositadamente ... para lhe pedir desculpa. Precisava de lhe falar e de ouvir a sua voz. Mas não julgue que fiz aquilo com intenções de D. João ... Não tenho capa nem espada... O que tenho é a ânsia de encontrar alguém com quem fale, com quem converse, alguém que me entenda e que eu entenda, ou então tenho de fugir desta terra, onde só vejo, pelas ruas, loucos e cães vadios ...*

Maria Ricarda sorriu e ouvia-o agora com uma leve curiosidade no olhar:

- *Eu não sei, ou sei talvez vagamente, quem você é. Nem é talvez preciso saber, apesar das convenções. Quem me falou de si foi uma velhota que tem a seu respeito, e de seu pai, ideias tenebrosas... Fiquei interessado em conhecê-los. Mas quem podia apresentar-nos? Ora como não me dou facilmente por vencido, tentei ... atirando ao chão um banco da igreja. A intenção era tão pura que sei que o seu Deus me perdoou ...*

- *Porque é magnânimo. Que um estrondo daqueles não é muito fácil de perdoar ...*

- *A intenção é que vale...*

- *«De boas intenções»...*

- *Já não é só por isso que irei para o Inferno...*

- *Sim, não é o bastante...*

- Não vai ouvir-me em confissão ... Em todo o caso não me daria maior penitência que quinze dias em Marvão.

- Não gosta de castelos...

- Gosto, mas já não posso mais...

- Tem bom remédio .

- Ir-me embora... Bem sei. Mas vim para trabalhar, trouxe uma mala de livros e de papéis e não consigo a disposição de espírito necessária. O excesso de solidão escangalha-me os nervos.

- A única coisa que aqui vale a pena é a solidão nesta paisagem. Falo como uma velha, com muita sabedoria e juízo ... como vê. Estou aqui há um ano, só a ler livros ajuizados e a passear por estes montes.

- É de Lisboa?

- Não. Mas não queira também ouvir-me em confissão. Com o meu ar de civilizada, numa aldeia destas, pareço-lhe uma mulher misteriosa. Posso pensar o mesmo de si... Mas o mistério tem seus encantos. É melhor não os perder.

E, pondo-se em pé, acrescentou, num tom de quem corta um assunto a que voltara sem querer:

- Começa a estar frio. Então desejo que não se demore nesta terra...

- O seu sorriso de ironia é uma ordem... Mas, ainda que pudesse obedecer-lhe, gostaria de contrariá-la.

- Uma ordem, não...

- E seria impertinente desobedecer...

Tinham chegado à porta das muralhas. Em baixo, os telhados da povoação eram uma tapeçaria de cores apagadas, onde as ruas estreitas traçavam linhas negras. Estava ali um passado morto que, de repente, os afastou, numa grande nitidez, da vida presente.

- Adeus. – E ficou parado, a olhá-la.

- Adeus.

09

Estava uma noite negra. Já tinham soado, há muito, as badaladas das onze.

- *Vai sair a procissão.*

Quando chegaram ao largo do pelourinho, viram, ao fundo da rua, uns pontos de luz que balançavam, avançando das profundas da treva. O rrrraá-rrraá áspero duma matraca aproximava-se sem se ver ninguém. Em todas as janelas tremeluziam pequenas velas encostadas por dentro das vidraças. Até que, de repente, a dois passos, surgiu do denso negrume um homem que fazia girar na mão o rodízio de som desagradável. Começaram, então, a passar uns vultos cobertos por longas capas pretas, com a cabeça escondida por enormes capuzes em bico. Levavam na mão umas tochas de metro, que espalhavam mais fumo do que luz; outros erguiam na ponta de paus uns lanternões de lume baço e amarelo. Caminhavam a passos lentos, travados, em duas filas, de cada lado da rua, rentes das paredes. Era a Irmandade. À frente, perdido na sombra da noite, o grande pendão, onde, por vezes, passavam uns reflexos de damasco vermelho, e atrás dele uma jovem amortalhada, expondo a Verónica. As duas filas de vultos passavam num lento escorrer de sombras disformes. Agora, mulheres e homens vestidos de luto, Nossas Senhoras descalças, arrastando mantos alvacentos e crianças vestidas de anjos brancos, com as asas abertas. Da sombra avançou pesadamente uma massa confusa que a pouco e pouco se veio definindo: são seis homens transportando, aos ombros, o esquife com Cristo morto, embrulhado num lençol, só com a cabeça de fora, uma grande cabeça com cabeleira de mulher e fios de sangue a escorrerem da testa meio tapada pela coroa de espinhos. O esquife vai cercado de lanternas que espalham uma luz sinistra. Poucos passos atrás, com sete punhais cravados no peito, segue-o a Senhora das Dores, em pé, serena sobre o seu andor. E vão aparecendo os painéis com pinturas, erguidos na ponta de varas. Já se perde ao longe o ronco áspero da matraca. Mas no silêncio da noite avoluma-se o arrastar dos passos de toda aquela gente, um arrastar lento e compassado. Por fim, rodeado de lanternas doiradas, avança da penumbra o pátio oriental, de damasco vermelho, cobrindo os três padres, que alvejam paramentados de casulas, pluviais e dalmáticas recamadas de ouro. O prelado que caminha no meio segura sobre o peito a custódia em sol resplandecente. E os notáveis da terra cercam os vigários do Senhor, segurando as varas do sobrecéu. Logo atrás, em seu lugar de honra, caminha, com toda a solenidade o sr. Luís Pinto, louco mas com perfeito ar de pessoa de juízo, levando, contudo, o eterno guarda-chuva, enfim fechado e pendurado no braço. Continuam a passar em fila, Nossas Senhoras e anjos, todos já a cair de sono, mas sempre com as asas bem abertas, devotas e devotos lutuosos, dobrados em atitude de recolhimento, com seus rosários enrolados aos pulsos. No fim vem a música com passo balançado, arrastando uma marcha fúnebre e desafinada. E o remate são vinte pessoas, de chapéu na mão, com o mesmo passo cadenciado, lento e funéreo – com olhos de sono. Vai toda a gente da vila e muita, que veio das aldeias. Mesmo os ateus. É uma festa como qualquer outra. Na Semana Santa as

procissões sucedem-se sem descanso, de dia e de noite, todos os dias e todas as noites, por aquelas ruas estreitas e tortuosas. As igrejas estão cheias de luzes. Mas aquela donde vem a procissão fica deserta, sem gente e sem santos, com um ar tétrico que faz calafrios. A outra para onde vai enche-se, até à porta, de multidão atenta a um famoso pregador que, debruçado no púlpito, começa o sermão patético:

- *Ó miseráveis! Ó desgraçados! Ó miseráveis!, que fostes vós que o matastes!!!...*

Está rubro, congestionado, com a língua presa. A voz ecoa pelas abóbadas do templo. O aroma do incenso foi absorvido por um pestífero fedor dos corpos suados. Porém, começa a notar-se que o predominante é um hálito de vinho: está quase toda a gente bêbada, a cair, aos molhos, encostados uns aos outros ou contra as paredes. Ouve-se lá fora um arranque de vômito. E o pregador clama sobre as cabeças condenadas:

- *Em verdade! Em verdade vos digo!...*

10

No silêncio da noite velha, estava ainda sentado à mesa a escrever; quando ouviu três pancadas na porta da rua. Poisou a caneta, dobrou os papéis que meteu no bolso, tirou da gaveta outro carregador da pistola, uma caixa de balas e, a passos lentos, atravessou na direcção da sala grande, que dava sobre o jardim. Então ouviu passos, em baixo na cozinha. Já andava alguém dentro de casa. Mas batiam outra vez na porta da rua. Pelas janelas viu que a noite estava escura como um poço. Boa ajuda para quem tinha a casa cercada e visitas sem convite a subir a escada. Abriu a porta do terraço, com tenção de saltar dali e correr para a brecha da muralha, que se escancarava a dez passos. Às duas esquinas da casa devia estar gente. Mas não havia melhor caminho. E, pendurado no muro, deixou-se escorregar e cair para a rua. «Quem está aí», rosnou uma voz rouca. E logo uma fita de luz cortou a viela. Correu para o paredão arruinado, já batido pelo foco policial. Soaram dois tiros e logo outro do lado oposto. Sentiu o golpe no ombro esquerdo. Saltou as pedras desmoronadas e resvalou pela encosta acamada de fetos. Mau caminho para corridas. Porém sabia-o plaino logo abaixo, e, a meia lomba, coberto de castanheiros. Caiu, levantou-se e viu-se outra vez apanhado pelo foco da lanterna. Mais tiros. Chegaram-lhe vozes atiradas como ordens e compreendeu que era grande a montaria. Maior o mundo na sua frente e mais poderosa a noite que lhe punha a mão por cima. Também os castanheiros ali estavam a murmurar ao vento e a recebê-lo no seu labirinto. Seguiu a passo, com as mãos na frente, não fosse esbarrar em algum deles. Mas começou a ter os olhos habituados à treva e a adivinhar o vulto dos troncos que se aproximavam. Um combro e duas rilheiras deram-lhe aviso de que estava em caminho trilhado. Meteu à ladeira virada ao rio que marcava a fronteira de Espanha. A passo largo foi descendo até onde apercebeu o bifurcar da vereda. Estava em campo

sabido. Uma mais breve, outra de mais largo rodeio; preferiu a rota que o levava a desvio maior, pensando que os perseguidores, julgando-o apressado, seguiriam o trilho mais curto. Pouco andara quando ouviu outras vozes. Cortou para a borda do caminho e escondeu-se no matagal. Um tropear de besta ferrada era sinal de contrabandistas ou recoveiro. Bastou-lhe ouvir a interrogação:

- *E o Carlos?*

- *Levava café.*

Voltou ao caminho e acendeu a lâmpada. A poucos passos esbarrou com eles. Não rezearam o encontro, pois, de luz acesa, não era a guarda fiscal que ali lhes saía.

- *Boa noite - disse Paulo, parando.*

- *Boa noite ...*

Era o «Falcoeiro» e o filho.

- *Por aqui não vão bem. Vem grande tropa atrás de mim...*

Olharam-se um momento em silêncio e Paulo continuou:

- *Preciso de passar para Espanha. Venha um ensinar-me o caminho.*

- *Não pode ser. Levamos carga.*

- *Vai um. Quanto querem?*

- *Não é por isso.*

Tirando uma nota grande meteu-a na mão do Falcoeiro, que respondeu, ainda hesitante:

- *A gente arrisca-se...*

- *Arriscam-se todos os dias...*

- *É certo. — E voltando-se para o filho: - Fica ali no moinho e descarrega. Estou cá de manhã.*

E virou costas. Paulo seguiu-o, explicando:

- *Olhe que não ando fugido por ladrão nem por morte de homem...*

- *Políticas...*

E seguiram calados. O Falcoeiro, com seu passo leve, calçado de alparcatas de borracha, era uma sombra que lhe fugia na frente.

Um murmúrio de águas chamou-os à borda do caminho. Desceram a uma terra alagadiça. A cortina dos salgueiros erguia uma parede na sombra, mas o contrabandista continuava a caminhar como em estrada soalheira. Até que se meteu no meio das árvores e parou, à escuta. Paulo só ouvia o rolar das águas. O Falcoeiro deu mais três passos. Estavam na borda do rio.

- Dá água pelos peitos. É melhor tirar a roupa – aconselhou, começando a despír a camisa. – É melhor pôr tudo dentro do casaco e atar com as mangas.

Apertado o fardo, meteram-se à água, que cortava como gelo, e foi subindo até lhes dar pelos ombros. Erguiam a roupa numa das mãos e com a outra aguentavam-se contra a corrente. Até que chegaram à outra margem. Com força, esfregaram as pernas e os braços. Paulo batia os dentes.

- Vista-se. Com o andar seca.

- Quanto é daqui a Valência?

- Uma hora, a andar...

Doía-lhe o ombro. Passou a mão e veio outra vez molhada. Era sangue.

- Apanhei uma bala num ombro.

O Falcoeiro tacteou com a ponta dos dedos, como entendido.

- Não é nada.

E pegando na camisa de Paulo, arrancou-lhe uma das mangas e, atando-lha sobre a ferida, concluiu:

- As pernas é que fazem falta.

II

No alto da torre, em suas altas pernas de arame, lá estava uma cegonha, indiferente e solene, batendo a matraca do enorme bico. Recostado na cabeceira da cama, Paulo descia a vista sobre as árvores da Plaza del Ayuntamiento, por entre cuja folhagem verde se desenhavam os arcos dum claustro monástico. Da fachada da igreja decrépita divagava pelos telhados negros de musgo, espraçando o olhar até aos montes vermelho-tijolo, subindo ao azul do céu, onde outra cegonha baixava com uma cobra no bico. Era a pintura encaixilhada na janela

do quarto, por onde entrava a confusa vozearia das gentes que, na Plaza, todas as manhãs transformada em mercado, traficavam e charlavam. Vagamente olhava e vagamente ouvia. Nítido só era o sonho e os caminhos que nele via. Mas a distância que no mundo material ainda parecia verdadeira em si não existia já.

12

- *El senbor D. Bugalhão.*

- *Que suba.*

E Don Juan Cotrina voltou atrás e chamou do cimo da escada. Paulo estranhava aquela visita do contrabandista que, com seu tipo crioulo, pequeno e magro, vestindo calça de pana preta, jaleca esticada, alparcatas de sola de borracha e boina espanhola, surgiu, silencioso, na sombra do corredor.

- *Dá licença?*

- *Entre.*

Na face escura e luzidia, os olhos resumiam-no: calmos, mas vendo tudo num relance, aparentando um fito mas olhando outro. Tirou uma carta da cinta larga, de quatro voltas.

- *Manda a senhora.*

- *Quem te disse que eu estava aqui?*

- *Ninguém. Vi-o ontem, a esta janela. Quando cheguei a Marvão, fui dizer à senhora Ricardinha que V. Ex^a. estava bem e ela mandou-me voltar lá à noite.*

- *Senta-te aí.*

- *Com licença.*

A epístola não trazia novidades, mas leu-a com avidez enquanto o contrabandista, disfarçadamente, o olhava de través, irónico. Releu. E depois voltou-se para o portador:

- *Podes vir logo à tarde buscar uma carta?*

- *Sim, senbor.*

- *Que dizem por lá a meu respeito?*

Encolheu os ombros.

- *Que o senhor é da política.*

- *Sabes se a polícia voltou lá?*

- *Não consta.*

- *Bem, então até logo. Não te esqueças.*

Passeou pelo quarto, parou à janela, e por fim sentou-se a escrever a carta de que Don Bugalhão seria portador seguro.

13

-*Também por cá?*

Paulo não reconheceu a pessoa que lhe falava afectuosamente, avançando já com a mão estendida, mas respondeu:

-*Também.*

- *Pois, meu amigo, eu estou aqui há já um mês e não sei por quanto tempo ainda! Foi um desastre! Quando não vencemos agora, nunca mais! nunca mais! Ah! não, não me diga que é preciso persistência, organização, fé! Tudo tem havido e nada se tem feito. Falta de chefe, meu caro, falta dum chefe com mão de ferro e cabeça de águia. Aqui de longe, no exílio, a comer pedras, vejo as coisas bem. Uns canalhas! Uns cobardes! E nós para aqui, na última... Olhe o Francisco Matos, é aquele com quem estou ali ... Está na última miséria. Eu tenho feito tudo por ele, mas agora já não posso mais. Também não tenho. Comecei ontem a fazer uma subscrição a ver se lhe consigo umas pesetas que dêem para o bilhete até Granada, porque ele tem lá família. E já que falámos nisto: você quer ajudá-lo com alguma coisa?*

- *Não faço a menor ideia de quem é esse Francisco Matos.*

- *O Francisco Matos! Então não se lembra, quando foi da revolução de Julho, aquele alferes que esteve na ponte, toda a noite, com uma metralhadora?! ...*

- *Ah! disse Paulo, sem se lembrar de tão heróico episódio. E tirou do bolso umas moedas que lhe entregou.*

- *Não dou mais, porque estou sem dinheiro.*

E, despedindo-se, continuou pela rua adiante. Quem seria este tipo? Talvez também conspirador a ares, mas evidentemente um malandrim qualquer.

14

A estrada deserta. Em volta o rumorejar das árvores. A noite estava luminosa e cheia de estrelas. Foi caminhando. Viu uma sombra sentada na valeta. Mas passou calado. Se fosse o Falcoeiro, ele daria sinal. Não era. Tinha andado mais uns quinhentos metros, quando do lado saiu um vulto.

- *Boa noite.*

- *Julguei que não tinhas vindo.*

- *Vim cá mais para diante, porque anda aí gente.*

- *Alguma coisa?*

- *Não é nada – respondeu num tom que queria dizer: «Sim, mas nós sabemos trocar as voltas»...*

E saindo da estrada desceram para um pequeno atalho que se afundava entre dois muros cobertos de silvas e heras. Pela terceira vez Paulo corria aquela aventura de ir lá acima a Marvão falar à doce apaixonada e começava já a achar isto fácil e sem perigo. O velho Falcoeiro conhecia a região como os cantos da própria casinhota onde vivia. Desde os 7 anos que andava neste vaivém de passa-fronteira, carregado de café e de galinhas, na ida para Espanha, ajoujado de alpargatas e sedas, na volta. Tivera bom mestre: o pai, campeão de toda a fronteira enquanto Carmencita não lhe embrulhou a vida.

- *Meu pai era um homem. Apanhou muito mergulho mas sempre a esgravatar pròs filhos, sem ranger. Até que se esbarrou na espanhola. Andava numa levitação!... Nem benzido. Fazia quanto ela quisesse. Arranjou-o bom e teso.*

Desabituaado de falar, as frases saíam-lhe curtas e desligadas, mas carregadas de sentido. Era seguro no que dizia, como no que fazia. Poucas vezes tinha sido apanhado. É o homem da sorte, diziam os outros. Mas não. Ele sabia: era faro.

- *Ainda ontem ia com um odre de azeite. O patrão sabe que o azeite pesa como pancada. Estava a verdadeira noite da tumba. Não via um palmo adiante da testa. Antes do rio, ali para os lados da Fontanheira, há uns penedos. Bateu-me no coração. Mas não tinha ouvido nada, nem um rato. Poisei o odre ao lado do caminho, atrás da erva e andei. Tinha passado os tais canchos e ouço-os nas costas: «Alto!» Como eu não levava nada, deixaram-me ir. Deitei-me adiante, no meio do trigo, e quando os senti ao longe voltei e carreguei o azeite. E, como esta, outras vezes.*

- *E a sorte, ou o tal faro, nunca falharam?*

- *Quem anda à chuva molha-se.*

Fazia uma pausa entre cada frase, para ouvir o silêncio.

- *Tenho cinco tiros no corpo. Um ia-me passando. Tive o padre à cabeceira, a resmungar. Quando me pus em pé fui levar um vestido de seda à Senhora da Estrela, que é minha madrinha. Mas não lhe vestem. É toda de prata e de tempos tão antigos que dizem que não há nenhuma no mundo assim tão bonita.*

- *Acreditas em Deus?*

- *Só rezo à Senhora da Estrela.*

Ouviu-se o barulho das águas do rio. Andaram mais uns passos e estavam na margem cortada a pique. O rio lá em baixo, soturno. Iam procurar, mais ao norte, um sítio onde passar a vau e mesmo assim com água de matar cães. Descalçaram-se, despiram as calças e meteram-se ao enxurro que escavava debaixo dos pés, e logo subiu até aos ombros, uma água negra, duma presença sobrenatural, que pesa aos mais afoitos. Movendo as pernas com dificuldade, foram avançando e afundando-se na corrente, que lhes tolhia e torcia os passos. Numa das mãos seguravam as botas e as calças, com a outra a camisa e o casaco, à altura da cara. E assim chegaram à outra margem, que era Portugal. Vestiram-se e a pele molhada depressa enxugaria com o puxar pela ladeira acima. Dali para diante, o Falcoeiro foi andando bem à frente, como cão de venta fina. Forte ataque de tosse seria sinal de fuga. E lá iam. Não se via estrela no Céu nem luz na Terra e Paulo meditava nos perigos destas incursões. Mas a força que o levava não era das que dão grandes prudências a alguém. Sobre todas as coisas e contra todas, punha agora o seu amor invencível. De cinco sentidos alerta, já distinguia bem a sacudida fuga dum coelho ou o silencioso sumir de raposeta.

Chegavam às portas da muralha da vila, quando o relógio da torre da Câmara bateu as duas horas. O Falcoeiro ia à frente, agora perto, a trinta passos; passava o primeiro arco, mais adiante o segundo, logo acima o terceiro, todos em ziguezague estratégico. E Paulo avançou, sentindo o caminho livre. A última porta do castelo medieval encaixilhou a esquina de uma rua sombreada pela luz amarela de um candeeiro. O Falcoeiro, ágil e solerte, desaparecera numa daquelas ruelas apertadas do burgo primitivo, cheio de sombras e mistérios. De longe em longe, surgia o halo sombrio dum lampião de petróleo, que o vento estremecia. Paulo espreitou o Largo das Touradas e viu o Falcoeiro subir ao seu posto de espião da noite.

Maria Ricarda saía da porta entreaberta, e apertavam-se num abraço demorado, como se a viagem tivesse sido longa e por entre grandes perigos, ou não se vissem há anos. Tudo em volta dormia. Só as corujas resfolgavam nas torres arruinadas das três igrejas e o relógio da Câmara alarmava o silêncio do mundo, batendo o sino das horas, repetindo...

15

- *Bautista, eso... arriba!*

Comprava a roupa necessária a quem perdeu a que tinha. Foi a casa deixar a carga que um rapazito transportava e veio vaguear pelas ruas a ver se encontrava algum conhecido que servisse para espalhar a notícia de que ia hoje à noite até Madrid, onde se fixaria. Entrou nos cafés, passeou na Praça, que as árvores escureciam de sombra, e andou vagabundo, enquanto o dia acabava. Por fim topou um ilustre patricio: o Coutinho dos porcos. Não podia calhar melhor. Esse pobre diabo anseia sempre por dar uma novidade. A primeira coisa que pergunta a quem encontra na rua é sempre:

- *Então que há de novo?*

Não havia nada.

- *Vou até Madrid.*

O negociante de porcos abanou a cabeça para diante e para trás:

- *Faz bem, isto aqui...*

E torceu o nariz. Pois era exactamente por isso que o compatriota Paulo preparara a mala nova. Mas não ia para Madrid. Bastava uma aldeola da fronteira, onde não abundassem os conhecimentos. Talvez San Juan de Carvallo, tinha dito o Falcoeiro. Ou mesmo na finca do amigo Boyero. Veremos. Perto e à vista dos aguçados píncaros de Marvão, mas longe dos olhos suspeitosos.

16

Paulo e Ricarda estavam sentados na borda da muralha. O ar mais fino e frio da madrugada repassava. Já no horizonte do céu de Espanha começava a diluir-se a noite. De repente ouviram um baque e um som de voz estrangulada; era o Falcoeiro. Caíra do muro onde estava vigilante, e estrebuchava. Dum salto, Paulo tinha-se posto em pé e tirara a pistola do bolso.

Ela, depois de um instante de hesitação, atravessou a rua e foi para casa. Mas ficou entre a porta, a vê-lo desaparecer na viela preta. Avançava como um tigre, rente das paredes. De repente, soou do escuro:

- *Alto! Atire a arma para o chão!*

A voz saía duma parede, a uns vinte metros. Atrás estava agora também alguém. Ouviam-se passos na calçada. De chofre disparou na direcção da voz e saltou para o outro lado da rua. Respondeu-lhe uma chuva de tiros. Apontou ao que tinha falado e cuja pistola relampejava na esquina da frente e, atirando-lhe duas balas, correu para diante. O outro soltou um urro e deixou de fazer fogo. Mas os de trás corriam sobre ele e sentia as balas cuspirem-lhe a calça das paredes para a cara. Passava já o primeiro arco das Portas da Vila. Viu ao lado uma vaga sombra e sentiu uma pancada no peito, que o fez cair enrodilhado contra o ângulo da muralha.

17

Querida:

Deves ter recebido já duas cartas minhas, uma de Lisboa, outra de Marselha, em que te dava simplíssimas noticias coadas pela polícia. Hoje, por um feliz acaso, posso falar-te sem o entrave do costume. Devo este favor a um comerciante holandês que vai logo à noite para Singapura e me levará a carta a bom recato.

Timor é, como podes imaginar, uma terra para os diabos viverem e como eu sou um verdadeiro diabo (na tua opinião e na da polícia) vivo cá optimamente. Dou-me bem com o calor e estou mais gordo. Tudo o que se passou me fez verdadeiramente bem e esta paz e isolamento em que vivo aqui dão-me para largas meditações. Em parte, tenho vivido as aventuras só pelo gosto de viver. Continuo a pensar que só por isso já valeria a pena. O perigo tentou-me sempre como um abismo desconhecido. Já antes de ler Nietzsche obedecia à sua lei: vive no perigo! E a isto devo a firmeza de espírito. Contudo, quantas coisas via menos claramente! Para compreender e encontrar o caminho exacto e o verdadeiro norte, não bastam a inteligência e a cultura, é preciso um certo embaciar dos olhos sonhadores e uma dura experiência. Fundamentalmente - uma dura experiência. Então, sim. Vêem-se com nitidez os erros cometidos e aparece o caminho verdadeiro. O mundo rola mais depressa do que nós julgamos. Esquecemos a velocidade da vida! Agora é preciso dar um salto. Pois saberei dá-lo sem cair. Breve sairei daqui. Ainda não sei como, mas é fácil deixar esta ilha. E então ouvirás falar de mim. Sinto uma grande força serena. Que pensarão os meus companheiros? Quantos terão evoluído no mesmo sentido? Não sei. Mas a lição foi boa e só muito ruim discípulo não aproveitará o benefício. E o meu pobre país precisa muito de todos os que queiram salvá-lo dum grande desastre. A vida exige-nos maior firmeza, até para as pequenas coisas. A minha tendência para contar com o acaso e a boa sorte de todo desapareceu. Ideias claras, fé inabalável que nos leve sem uma hesitação, planos sem aventura nem vago.

Mas parece que estou já a fazer um discurso na praça pública. Ainda é cedo. Estou longe; breve estarei perto. Perto da hora em que perdoarei e justificarei todo o meu passado. E perto de ti, que com a mais bela certeza e coragem esperas pelo teu

- *Paulo*

Timor, 14 de Janeiro de 1922.

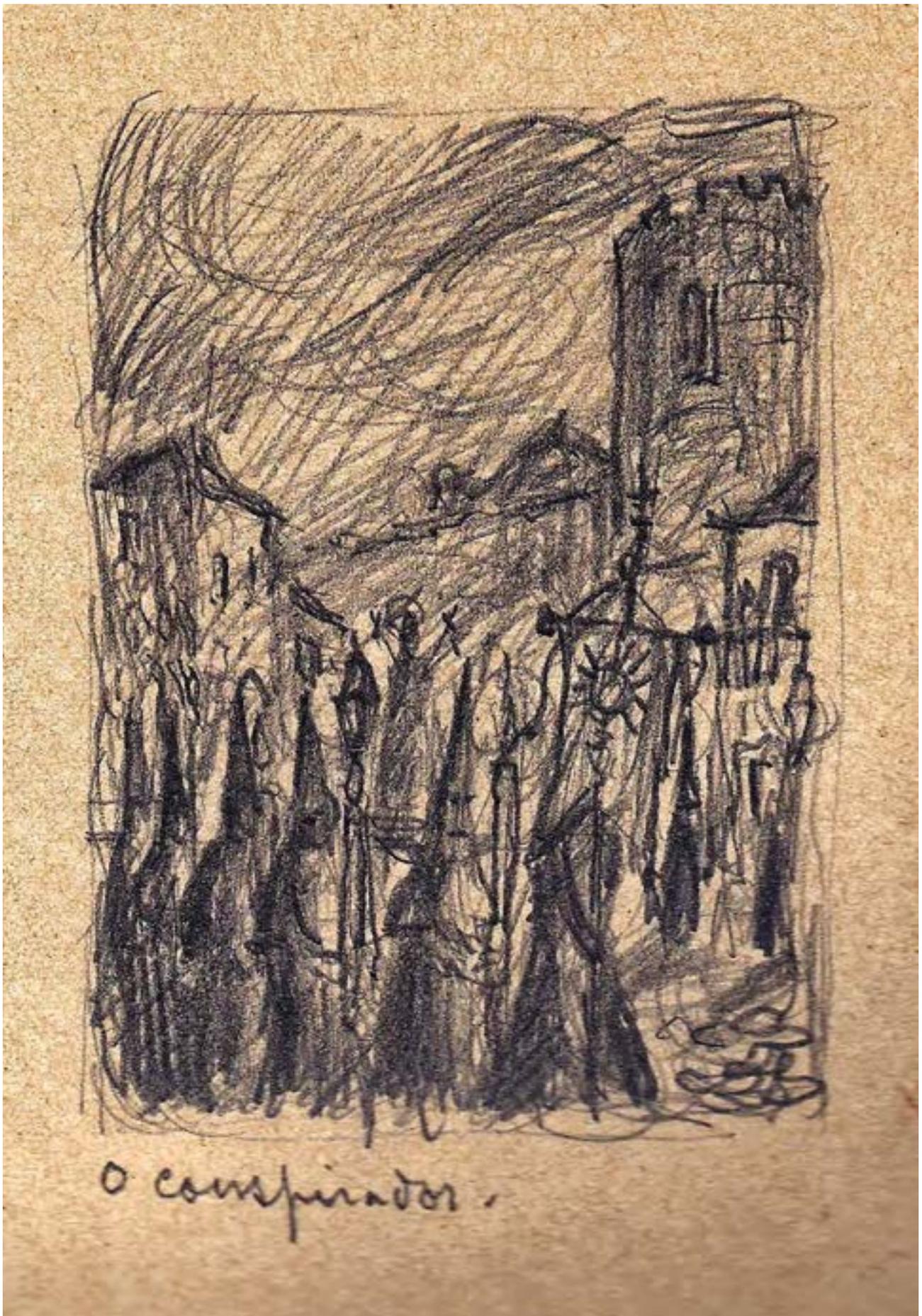
Fev. Nagazaky

Maria Ricarda querida:

Escrevo-te muito à pressa. Só para te dizer que estou aqui. Livre! E a fugir! Que paradoxo. Vou como criado a bordo de um barco chinês. É a maneira de viajar sem dinheiro. Escrevo. Está a dar sinal a sereia. Adeus. Caminhar sempre!

- *Paulo*

Este conto foi transcrito a partir da terceira edição tal como consta do livro: Fonseca, A. J. B. da.(1938/2010). 'O Conspirador' in *Caminhos Magnéticos*. Obras Completas I, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, p.471 a 506.



Desenho de Branquinho da Fonseca / Coleção Herd@s de Branquinho da Fonseca